



Fernando Assis Pacheco [Coimbra, 1937 - Lisboa, 1995]

Poeta, ficcionista, jornalista e crítico.

Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra, viveu nesta cidade até ir para a tropa, em 1961. Filho de pai médico e de mãe doméstica, sendo o avô materno galego, casado com uma lavradeira da Bairrada, e o avô paterno roceiro em São Tomé foi na juventude actor de teatro (TEUC e CITAC) e redactor da revista *Vértice*, circunstância que lhe permitiu privar de perto com o poeta neo-realista Joaquim Namorado e com poetas da sua geração, como Manuel Alegre e José Carlos de Vasconcelos.

Cumpriu parte do serviço militar em Portugal entre 1961 e 1963, tendo seguido como expedicionário para Angola, onde se manteve até 1965. Integrado inicialmente num batalhão de cavalaria, viria a ser reciclado nos serviços auxiliares e colocado no Quartel-General da Região Militar de Angola.

Publicou o primeiro livro em Coimbra, a expensas paternas, não obstante se encontrar, na altura, em África. *Cuidar dos Vivos* se intitula o livro de estreia – poemas de protesto político e cívico com afloramento dos temas da morte e do amor. Em apêndice, dois poemas sobre a guerra em Angola, que terão sido dos primeiros publicados sobre o conflito.

A temática africana de guerra voltaria a impor-se em *Câu Kiên: Um Resumo* (1972), ainda que sob «camuflagem vietnamita», livro que conheceria em 1976 a sua versão definitiva: *Catalabanza, quilolo e volta*.

Memória do Contencioso (1980) reúne «folhetos» publicados entre 1972 e 1980, e *Variações em Sousa* (1987) marca como que um regresso aos temas da infância e da adolescência, com Coimbra em fundo, e refinando uma veia jocosa e satírica já visível nos poemas inaugurais. A novela *Walt* (1978) atesta-o exuberantemente.

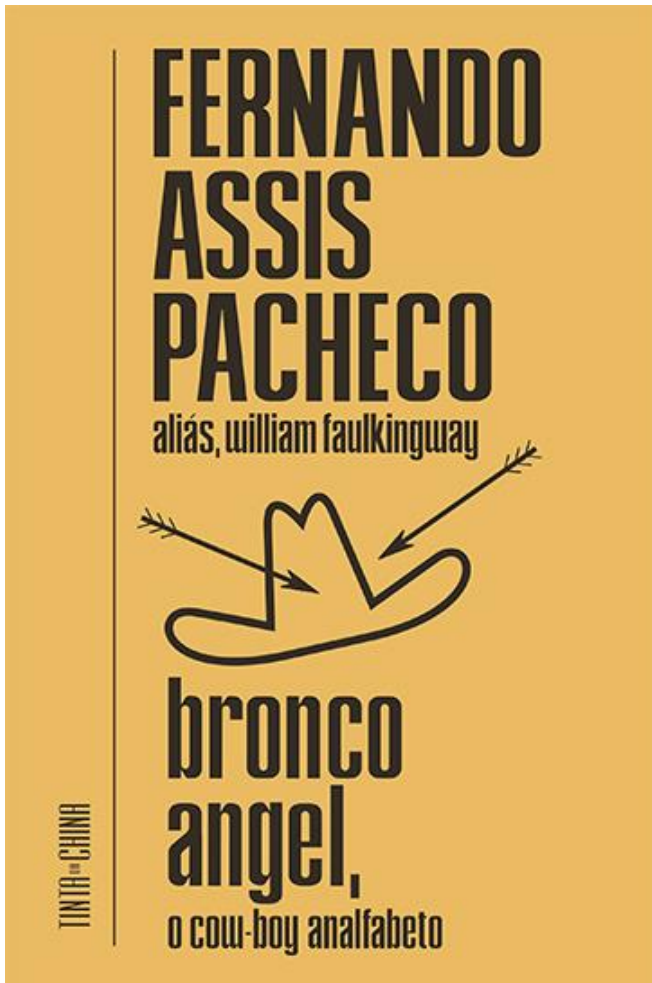
Era notável em Assis Pacheco a sua larga cultura galega, aliás sobejamente explanada em alguns dos seus textos jornalísticos e no seu livro *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*.

Em *A Musa Irregular* (1991) reuniu o poeta toda a sua produção.

Nunca conheceu outra profissão que não fosse o jornalismo: deixou a sua marca de grande repórter no *Diário de Lisboa*, na *República* e no *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Foi chefe de redacção de *O Jornal*, semanário onde durante dez anos exerceu crítica literária.

Traduziu para português obras de Pablo Neruda e Gabriel García Marquez.

O LIVRO



BRONCO ANGEL, O COW-BOY ANALFABETO

Fernando Assis Pacheco

Uma novela humorística escrita sob o pseudónimo William Faulkingway, publicada como folhetim no jornal satírico «O Bisnau», na década de 1980.

«De uma forma ou de outra, quase tudo é riso em Fernando Assis Pacheco. Fazer troça da própria dor pode ser um poderoso analgésico. Uma pessoa sofre, uma pessoa comove-se, uma pessoa chora, mas no instante em que o sofrimento ameaça tornar-se autocomplacência é altura de sabotar a marriçice com uma boa gargalhada. A farsa é capaz de ser a arma mais eficaz de que dispomos perante a tragédia. Ou, pelo menos, a melhor maneira de lhe empatarmos o passo, já que o resultado final está escrito de antemão.» —Carlos Vaz Marques

«Eu nasci de catorze meses, que é assim um bocadinho prematuro ao contrário, e foi por causa que a minha mãe não queria alcançar mas depois distraiu-se e o meu pai disse:

"Olha, se for rapariga chama-se Custódia", mas nasci eu.

Quando eu nasci, a parteira olhou muito para mim e exclamou:

"Este moço é mais feio do que uma embalagem de fósforos de cozinha!"

Isto são coisas que eu ouvi contar e não ligo, porque realmente se fosse a ligar emigrava mas era para o Alasca e nunca mais punha os pés em Crow Junction, ora essa. A parteira nem levou dinheiro pelo serviço, ficou cheia de pena. Diz-se que disse à madrinha:

"Mais valia ter nascido de sete meses, para vocês se irem habituando. Agora de catorze..."»

Edição e prefácio de Carlos Vaz Marques

Ilustrações originais de João Fazenda